E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): Escutando narrativas (auto)biográficas dos estudantes

Fredy Enrique Gonzalez[1]
Anete Alves da Silva Nogueira[2]

Resumo: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ainda é vista por muitos somente como forma de alfabetizar quem não teve oportunidade de estudar na idade "certa" ou por aqueles que por algum motivo tiveram que abandonar os estudos. A intenção da pesquisa é mostrar como a história pessoal desses alunos, recuperada por meio de suas narrativas (auto) biográficas, se constituem num alicerce para superação de dificuldades encontradas na escola, através destas reflexões sobre as cartas escritas, visando que suas falas sejam ouvidas por professores nas suas práticas. A metodologia é de cunho qualitativo de teor (auto) biográfico, sendo os dados coletados por meio de fontes do tipo testemunhal (seus relatos autobiográficos), através do gênero cartas. Tendo como referência os estudos realizados por Freire (2006), Bolognani; Nacarato, 2015 Lejeune (2008), Giroux (2004), Alberti (1991), Saviani (1985), González, (2020), Oliveira (2013), Santos e Santos (2008); Massini (2011), Gomes, (2003), Pinto, (1993). O estudo revelou que o gênero cartas faz possível a recuperação da voz dos jovens e adultos, contendo mensagens de positividade voltados para o espaço escolar e de suas relações ali constituídas, tão importantes para sua vida cotidiana

Palavras-chave: História de Vida. Narrativa Autobiográfica. Letramento. Alfabetização.

LITERACY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION (EJA) Listening to (self)biographical narratives of students

Abstract: Youth and Adult Education (YAE) is still seen by many only as a way to literate those who didn't have the opportunity to study at the "right" age or those who, for some reason, had to abandon their studies. The aim of this research is to show how the personal history of these students, recovered through their (auto)biographical narratives, forms a foundation for overcoming difficulties encountered in school. Through reflections on the letters they wrote, the study seeks to ensure their voices are heard by teachers in their practices. The methodology is qualitative with an (auto)biographical approach, with data collected through testimonial sources (their autobiographical accounts) using the letter genre. The study references the works of Freire (2006), Bolognani & Nacarato (2015), Lejeune (2008), Giroux (2004), Alberti (1991), Saviani (1985), González (2020), Oliveira (2013), Santos & Santos (2008), Massini (2011), Gomes (2003), and Pinto (1993). The study revealed that the letter genre enables the recovery of youth and adult voices, containing messages expressing a positive outlook towards the school environment and the relationships formed there – relationships so important to their daily lives.

Keywords: Life Story. Autobiographical Narrative. Literacy. Qualitative Research.

[1] Doutor em Educação (Ênfase em Educação Matemática) pela Universidad de Carabobo (Valencia, Venezuela) (UC). Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, do Departamento de Educação Matemática (PPGEDMAT-DEEMA) na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. E-mail: fredy.gonzalez@ufop.edu.br.

[2] Pedagoga, Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN; Especialista em Linguagens e Educação/UNP. Membro do Grupo de Estudos de Narrativas de Professores em Formação (GENPROF/UFRN). E-mail: anetenogueira13@gmail.com.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

ALFABETIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS (EJA)
Escuchando las narrativas (auto)biográficas de los estudiantes

Resumen La Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) sigue siendo vista por muchos únicamente como una forma de alfabetizar a quienes no tuvieron la oportunidad de estudiar en la edad "correcta" o a aquellos que, por algún motivo, tuvieron que abandonar sus estudios. La intención de esta investigación es mostrar cómo la historia personal de estos estudiantes, recuperada a través de sus narrativas (auto)biográficas, constituye un cimiento para superar las dificultades encontradas en la escuela. Mediante reflexiones sobre las cartas escritas por ellos, el estudio busca que sus voces sean escuchadas por los docentes en sus prácticas. La metodología es de carácter cualitativo con enfoque (auto)biográfico, recolectándose los datos a través de fuentes testimoniales (sus relatos autobiográficos) utilizando el género epistolar. El estudio toma como referencia los trabajos de Freire (2006), Bolognani y Nacarato (2015), Lejeune (2008), Giroux (2004), Alberti (1991), Saviani (1985), González (2020), Oliveira (2013), Santos y Santos (2008), Massini (2011), Gomes (2003) y Pinto (1993). La investigación reveló que el género epistolar posibilita la recuperación de las voces de los jóvenes y adultos, conteniendo mensajes que expresan una visión positiva hacia el entorno escolar y las relaciones allí construidas – relaciones tan importantes para su vida cotidiana.

Palabras clave: Historia de la vida. Narrativa autobiográfica. Alfabetización. Investigación cualitativa. Lectura y escritura.

Introdução

No decorrer dos últimos dez anos, temos observado dificuldades na leitura e escrita em turmas de jovens e adultos, nossa experiência ministrando aulas para estudantes dessa faixas etárias, tem nos permitido perceber que muitos deles não conseguem compreender um texto que estiveram lendo há poucos instantes; essa constatação tem nos gerado inquietações, principalmente porque essas dificuldades leitoras vêm a prejudicar o aprendizado das diversas disciplinas, não apenas o da língua pátria.

Mesmo que os alunos da EJA, no seu cotidiano extraescolar, têm oportunidades de participar em práticas sociais de leitura variadas, o desenvolvimento dessa competência não se dá de maneira espontânea o informal; por isso, é muito frequente observar, em sala de aula, que eles exibem deficiências na decodificação, compreensão e interpretação, na leitura de textos; assim sendo, se pensou em uma hipótese que explicasse o porquê de tais dificuldades, bem como soluções para ajudar a saná-las ou minimizá-las.

Sabemos que muitos fatores podem interferir na aquisição das habilidades de leitura, sendo uma delas, a pouca oportunidade de contato com a leitura no ambiente escolar e extraescolar. O contato direto com alunos da EJA, durante nossa desenvolvimento docente na sala de aula, deu para nós a oportunidade de escutá-los expressar suas angustias pelas

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

dificuldades que tinham para ler e para compreender o lido; essa escuta é uma das motivações para o desenvolvimento desse estudo sobre as dificuldades de leitura dos estudantes da EJA.

Para realizar a pesquisa foram assumidas as narrativas autobiográficas, como uma forma de ouvir suas expressões, através do gênero discursivo carta, onde descrevem as dificuldades encontradas no processo da sua formação escolar, no sentido de buscar serem ouvidos por seus professores nas suas práticas e assim repensar as formas de ensino, buscando a tão sonhada inserção e valorização desse público, não só no mercado de trabalho, mas na sociedade.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que surge de um hiato existente no sistema educacional regular do nosso país, engloba diversas metodologias e práticas formais e informais referentes a obtenção e/ou ampliação de conhecimentos quer sejam básicos, de habilidades técnicas e profissionais ou de qualificações socioculturais, que têm ao longo de sua história incoerências devido os diversos contextos sociais, as políticas educacionais destinadas a mesma, como também todo contexto econômico e social do país.

A atual Legislação educacional brasileira, estabelece que os cidadãos que não tiveram acesso à educação escolar na idade própria, devem ter essa oportunidade garantida pelo estado (Brasil, 1996), entre a população que deveria ser beneficiada com essa lei estão os jovens, adultos e idosos; principalmente esses últimos, devido a que pessoas com 65 anos ou mais têm taxa de analfabetismo de 20%, a maior entre as faixas etárias, de acordo com o censo populacional realizado em Brasil no ano 2022.

Em sua meta 09, o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, prediz a necessidade em elevar a taxa de alfabetização até 2015, erradicando o analfabetismo total e reduzindo o analfabetismo funcional. Sendo ainda assim, posta como política educacional para esse público, não garante o acesso e a permanência, como também um ensino de qualidade que atenda suas necessidades e especificidades.

Apontamos que na EJA, alguns pontos precisam ser revistos, buscando uma visão mais positiva da modalidade no contexto escolar. Nesse sentido, ressaltamos as práticas pedagógicas como fator que colabora para que o aluno dessa modalidade não se sinta parte do ambiente escolar pela desvalorização dos saberes que tem, como nos revela Pinto (1993), pela consciência ingênua do professor que muitas vezes reproduz a mesma prática usada no ensino regular, sendo não adequada à educação de jovens e adultos. Nossa opinião, como

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

professores/as da rede municipal de Natal, existe a necessidade de um olhar diferente do que está posto como orientação de funcionamento, e de desenvolver uma forma mais legitima para o enfrentamento dessa realidade, principalmente mudar a forma de construir as propostas educativas, dialogando com o público a ser atendido, ouvindo e principalmente atendendo suas especificidades para dessa forma atendê-los, professores e alunos.

Para diagnosticar o problema, utilizamos a pesquisa narrativa, em seu caráter autobiográfico, através do método histórias de vida, também podendo ser chamado de técnica, através do qual solicitamos aos alunos, que voluntariamente escrevessem cartas que relatassem suas dificuldades em sala de aula, usando uma escrita autobiográfica das suas histórias de vida, dessa forma, auxiliando a construção histórica da realidade vivida por eles e para a partir do relato de fatos do passado, buscar variáveis que atendam aos objetivos da pesquisa que é, escutar suas falas e que estas sejam ouvidas por seus professores e assim junto aos mesmos repensar as práticas usadas.

Essa forma de método é retratada por Santos e Santos (2008, p. 715), quando dizem que, "utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Esse método busca conhecer as informações contidas na vida pessoal de um ou de vários informantes, fornecendo uma riqueza de detalhes sobre o tema". Dá-se ao sujeito liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo indagado pelo pesquisador.

Quanto ao tipo, a pesquisa foi descritiva, tendo em vista que envolveu técnicas padronizadas de coleta de dados, como forma da carta narrativa. Quanto à forma de abordagem, foi: a) qualitativa, porque foi considerada a existência de uma relação dinâmica entre mundo real e sujeito; e b) participante, por envolver a interação entre pesquisadores e membros da situação investigada. Também foram efetuadas pesquisas bibliográficas e documentais para levantamento de dados complementares da pesquisa realizada.

O problema apresentado mostra-se de grande relevância social, pois ao compreender melhor o processo de formação desses alunos, podemos vir a sinalizar novos caminhos e estratégias mais adequadas para contribuir com a superação ou, ao menos, com a minimização essas dificuldades de leitura, às quais, muitas vezes, têm levado os alunos ao baixo desempenho na maioria das disciplinas dos cursos que ingressam e que exigem uma leitura proficiente do aluno para a compreensão dos conteúdos didáticos.

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

Segundo Oliveira (2013), esses alunos citados podem até mesmo configurar-se em analfabetos em nível funcional, ou seja, aquele aluno que lê, mas não compreende o texto, posto que o faz mecanicamente, não processa as informações lidas, não consegue realizar uma leitura crítica e reflexiva do texto, uma vez que simplesmente não compreende o seu sentido.

Estima-se que, a análise dos relatos das experiências de vida desses alunos, servem para revisar os processos formativos nos quais participaram, procurando entender as causas de suas carências, e, com base nisso, tentar construir propostas didáticas que sejam adequadas para garantir a esses discentes um letramento cônsono com suas responsabilidades como cidadãos.

Como objetivos específicos, temos: a) Relatar as dificuldades dos alunos da EJA, narradas através de cartas; b) Refletir sobre como a prática dos professores da EJA poderia ser reorientada, tendo em conta tais dificuldades.

As narrativas autobiográficas como instrumento de escuta pedagógica na EJA

Entendemos que no Brasil temos um grande número de pessoas que não frequentaram a escola e/ou não conseguiram concluir seus estudos na Educação Básica, tendo na EJA uma significativa oportunidade de fazê-lo. Tendo essa compreensão, partindo de leitura de autores como Freire (2005, 1996) e Giroux, (2004), que nos faz pensar sobre a transmissão do conhecimento apenas como repasse de informações pelo professor, sendo ele detentor do saber, cabendo ao aluno apenas ser depósito, que chamam de educação bancaria, na qual não há diálogo entre os envolvidos, perpetuando assim relações de verticalidade no ensino e na sociedade. Refutando esse conceito de educação bancária, Freire escreveu: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2011, p. 24) defendendo que a educação seja concebida através do diálogo, da comunicação, levantando problemas e questionamentos, fazendo reflexões sobre o mundo, buscando transformá-lo a partir do conhecimento e da assunção da sua realidade, tornando se sujeitos ativos e inacabados.

Fundamentadas nos preceitos e ideais freireanos, consideramos que na EJA, os conteúdos apresentados nos planos escolares deveriam ser mais abrangentes, e não se limitar aos currículos preestabelecidos, considerando para isso, na prática escolar, o currículo oculto, que é concebido por Jackson (1992) como um conjunto de fenómenos educativos que se

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

desenvolvem implícita e simultaneamente como os processos escolares oficialmente formalizados; dessa forma o aluno poderia se encontrar com seu cotidiano. Reconhecer a proximidade entre os conteúdos escolares e os saberes dos estudantes dessa modalidade, ocultos e por isso não inseridos no currículo oficial, poderia proporcionar oportunidades para professores e alunos da EJA trocar conhecimentos e saberes; dessa forma, os professores conseguiriam valorizar os não-visibilizados saberes de seus estudantes, mesmos que usam para a descoberta do mundo, e agir transformando-o.

Ao se escolher o currículo da EJA, deve emergir as necessidades desse público, de modo a assegurar a atenção, o interesse do aluno e o desejo de permanecer estudando. Como também proporcionar tempos e espaços na perspectiva de consolidar aprendizagem no tempo dos sujeitos, com uma flexibilização responsável, fazendo com que se responsabilize por sua aprendizagem, dessa forma respeitando a diversidade dos sujeitos.

Se faz necessário refletir no que diz respeito ao que ensinar e como ensinar, aprofundando o pensar sobre as constantes relações com o ensino regular, sobre isso, Saviani nos fala que:

> Não estará por certo no conteúdo, mas no seu tratamento, a diferença entre o regular e o supletivo. (...) A equivalência é necessária, não porque o aluno poderá pretender prosseguir os estudos (ou pelo menos não só por isso), mas porque é preciso que se lhe permita – e já com muito atraso! – o acesso aos conhecimentos básicos necessários à sua participação social mais efetiva. Essa equivalência, porém, não estará necessariamente (e na maioria dos casos nem é possível mesmo que esteja) na relação série/termo, mas na garantia do básico em relação ao conjunto de conhecimentos que o ensino regular transmite às crianças e adolescentes. Na organização do conteúdo de cada componente curricular, alguns itens se revelarão indispensáveis e exigirão um tratamento mais detalhado, enquanto outros talvez possam ser tratados com menos detalhes ou até mesmo dispensados. Se no ensino regular possível trabalhar o básico com alguns acessórios, no supletivo quase sempre será necessário abrir mão dos acessórios, e, não raro, extrair o básico do básico, para que o essencial seja trabalhado... E bem trabalhado (Saviani, 1985, p 58).

As narrativas autobiográficas como prática de escuta

A escola tem usado cada vez mais a criação de narrativas como pratica pedagógica, vislumbrando a aprendizagem tanto de alunos como de professores, essa forma pode ser usada em cenário diversos, com também seus objetivos. Nessa perspectiva, o narrador ao narrar estará

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

construindo um fio condutor que expõe suas experiências marcantes de vida, sendo dessa a representação do todo, selecionando acontecimentos e interpretando o vivido, ressaltando experiências que marcaram seu percurso, criando uma narrativa, sendo considerados momentos de experiências e aprendizados significativos na sua história (Bolognani; Nacarato, 2015).

A autobiografia como uma categoria literária é também indicada como memorialista; tendo no seu histórico três séculos, sendo vista por Philippe Lejeune como "qualquer texto em que o autor parece expressar sua vida ou seus sentimentos, quaisquer que sejam a forma do texto e o contrato proposto por ele" (Lejeune, 2008, p. 53). A autobiografia é um texto escrito, onde o autor narra de forma reflexiva e elaborada, suas experiências de vida.

Para Massini (2011), a autobiografia feita pelo narrador, é a reconstituição retrospectiva sobre seu percurso e sobre sua própria vida. Dessa forma, a autobiografia vem repleta de lembranças, sendo dessa forma, um texto que nos propicia fazer análise do contexto que foi escrito, é também um texto narrativo sinalizado por sua capacidade de propor fazer uma análise contextual do tempo que está ali apresentado pela memória do autor, aparentemente sem grande relevância. A memória autobiográfica liga-se diretamente ao nosso Eu e ao que nos é significativo e importante. Para Alberti (1991), esse sentido:

> [...] envolve omissões, seleção de acontecimentos a serem relatados e desequilíbrio entre os relatos (uns adquirem maior peso, são narrados mais longamente do que outros), operações que o autor só é capaz de fazer na medida em que se orienta pela busca de uma significação: busca essa que lhe dirá quais acontecimentos ou reflexões devem ser omitidos e quais (e como) devem ser narrados. [...] [A] significação se constrói no momento mesmo em que o autor escreve a autobiografia (Alberti, 1991, p. 12).

Mas, para além da diversidade de definição e origem do gênero autobiográfico na teoria literária, interessa-nos neste momento, discutir a composição do narrador no seu processo de escrita sobre si e a reflexão dessa construção na sua identidade como autor. Pois no seu relato, o autor há a seleção e descrição de momentos de vida, interpretadas e organizadas, atribuindo a estas recordações significativas às suas vivencias. Segundo Gomes (2013), as histórias de vida são criadas pela memória autobiográfica transformando-se em uma construção social. A narrativa quando relatada está repleta do contexto social e cultural que preservou para a construção da sua memória autobiográfica. Assim, o texto narrativo que chega até nós, é a história de vida de uma pessoa que foi concebida num contexto de relações que aconteceram

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

de forma subjetiva. Dessa forma, a escola e a educação formal podem ser um diferencial no processo de formação dos jovens e adultos (Gomes, 2013).

O sentido de escrever sobre si, sobre situações vividas possibilita a recriação dessas experiências e permite a atribuição de sentidos às mesmas, contribuindo para o entendimento de quem somos, e das nossas aprendizagens e interesses.

Diante do exposto, consideramos que a escrita autobiográfica dos estudantes jovens e adultos sobre sua relação com as dificuldades encontradas na escola se constitui em uma prática que favorece a ressignificação da relação com o ambiente escolar, construindo assim, positivamente, o sentimento de pertencimento à esta comunidade, a autoestima, a autovalorização da história de vida de cada um e também a aprendizagem de outros saberes.

Narrativas: cartas para se escutar

A rede municipal de Natal, onde a experiência foi realizada, possui escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos na primeira etapa do ensino fundamental, atendendo aproximadamente 130 estudantes por semestre. As salas são organizadas por níveis, sendo que a experiência da escrita da carta, foi desenvolvida pelos jovens, adultos e idosos cursistas da Etapa I (equivalente aos 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental no ensino regula) e da Etapa II (equivalente 6° ao 9° ano do Ensino Fundamental no ensino regular) das duas escolas da zona oeste de Natal/RN.

A rede municipal de ensino de Natal/RN, construiu seu documento norteador para a modalidade da EJA, tendo como base dados referentes a evasão, abandono, reprovação e aprovação e analisando seus índices de matrícula, como também, sua função social. Promovendo a partir, daí seminários formativos com seus docentes, assessorados por professores da Universidade Federal de Rio Grande do Norte (UFRN) que conjuntamente, pensaram ações pedagógicas para a aprendizagem dos estudantes jovens, adultos e idosos o que se constituiu num importante passo para atender as especificidades dessa modalidade.

A partir dos desafios identificados no município citado, nessa modalidade de ensino, especialmente com relação às altas taxas de evasão e retenção, grande parte das discussões com os profissionais focavam a necessidade de um novo formato para a prática pedagógica com os estudantes da EJA, uma vez que as turmas eram compostas por estudantes jovens, adultos e

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

idosos, o que se tornava um desafio para os docentes, pois as experiências, necessidades e interesses eram muito diversos. Mas mesmo detectado esse problema, no documento não explicita nada a respeito, o que apontamos como falha no atendimento das especificidades desse público.

Diante do exposto nos seminários formativos e nas discussões no planejamento, iniciamos o trabalho pedagógico, com uma sensibilização de gestores escolares e professores quanto à importância de uma prática pedagógica que pudesse servir como ponto de encontro com as dificuldades apresentadas pelos alunos, como uma forma de trabalhar as competências dos alunos e a cidadania com jovens, adultos e idosos. Dessa forma, propomos a escrita de cartas autobiográficas, escritas pelos alunos voluntariamente, onde eles contariam suas experiências escolares, focando nas dificuldades encontradas nesse espaço para depois serem lidas e ouvidas nos momentos de planejamento com os professores.

Por fim, juntamente aos professores, foi proposto aos alunos a produção do texto do gênero carta, onde poderiam memorizar e narrar momentos e/ou situações que marcaram sua vida de estudante, enfatizando dificuldades por eles encontradas, a respeito da aprendizagem e o que por ventura lhes tivessem marcado na vivencia do espaço escolar.

No processo de escrita das cartas, a maioria dos alunos procuraram os professores para tirar dúvidas sobre como deveria ser a escrita, se teria um modelo a seguir. Muitos por medo de escrever, sugeriam que fosse feita apenas uma conversa, por que tinham dificuldade de escrever e por ter vergonha de contar o que já tinha vivido e principalmente de falar sobre suas dificuldades na escola por temer virar brincadeira ou chacota para os colegas.

As cartas, narrativas autobiográficas, escritas pelos alunos proporcionaram o revelar de pessoas que possuem muitos conhecimentos, muitos saberes obtidos durante sua vida, trazidos por experiências de vida, como tivemos oportunidade de ler ouvindo suas cartas, como alguns exemplos aqui apresentados:

> Quando criança, acompanhava minha mãe na casa dos patrões dela, lá aprendi a fazer as coisas de casa, cozinhar, varrer, arrumar, tudo o que pudesse fazer. Ficamos lá, até que num dia de festa na cidade, fomos enganadas pelo filho do patrão, que nos separou, mandou minha mãe para a cidade e eu fiquei sozinha com ele na fazenda. Ele me estuprou por dois dias seguidos, fiquei amarrada na cama todo tempo. Foi o pai dele que descobriu e me soltou. Fomos embora e até hoje recebo dinheiro mensalmente da família. Sei fazer

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

> de tudo numa casa, mas tenho dificuldade de aprender. Acho que sou burra pra ler e entender, porque dirigi, eu aprendi, que eu achava que era difícil (E.G. 45 anos).
> Quando pequeno morava num sítio, meu pai, me mandava cortar lenha, preparar terra, encher tudo com água e só depois disso ir para escola. Chegava lá cansado e dormia. A professora encontrava meu pai na feira e dizia que eu dormia, então eu apanhava. Aí deixei de ir, fui vender fruta e fazer favor pros vizinhos, aprendi logo a cuidar de jardim e lidar com dinheiro (A. L. C.).
> Nasci em João Pessoa e hoje tenho 67 anos. Trabalhava numa ótica, colocando grau nas lentes, mas tive um AVC, estou aposentado e hoje venho pra escola pra me distrair e ver se tem alguma coisa mais pra aprender (L. M.).

Nos fragmentos destacados das cartas, consideramos que os narradores têm experiências com trabalhos domésticos, com vendas e serviços mais especializados, apresentam na sua narrativa histórias marcantes nas suas trajetórias. Ouvindo essas narrativas, vimos a necessidade de conhecer, valorizar e conversar sobre esses saberes, podendo dessa forma aproximar o estudante da Educação de Jovens e adultos do conhecimento sistematizado e letrado da instituição escolar, possibilitando e favorecendo a aprendizagem dessa clientela, construindo novos saberes e aprendizados.

A narrativa autobiográfica produzida pelos alunos nos possibilitou observar sua percepção de escola, como a compreendem sendo um local de estudo, tendo e sendo vista como possibilidade de aprendizagem, de melhoria de vida, de realização de sonhos, conforme descrito nos recortes a seguir.

> Fui estudar porque queria aprender pelo menos o nome, pois faz muita falta no banco quando recebo dinheiro. Ficava com vergonha e não gosto de sair com a mão suja de tinta. Mesmo estando com 54 anos, o que aprender é bom pra mim". Às vezes penso em desistir, porque tem professor que nem olha pra gente, mete dever e pronto, são muito ligeiros, a gente nem aprende direito e já bota outra coisa, já leio, mas sou lenta pra escrever. (R.A.M.)
> [...] voltei a estudar porque não sabia nada ler, não sabia pegar ônibus, me localizar nos lugares. Agora sei. Consigo me localizar nos lugares, ando sozinha, leio placas, vou nas lojas, vejo preços das coisas. É muito bom. (C.O.M.)
> Resolvi vim pra cá, pra realizar o sonho de ler a bíblia, sou evangélica. E quero ensinar meus filhos nos deveres da escola. (J. N.).

O retorno do aluno da Educação de jovens e adultos percebido nas cartas, se dá pelo desejo de realização de sonhos, como também o querer aprender, numa busca por satisfazer diferentes necessidades e se verem participantes do mundo letrado. Embora em alguns

Revista Momento – diálogos em educação, E-ISSN 2316-3100, v. 34, n. 3, p. 445-459, set./dez., 2025.
DOI:
Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

momentos se sintam invisíveis aos olhos dos professores, causando sentimento de desistência, fracasso e de não pertencimento ao contexto escolar.

Com isso podemos pensar numa nova proposta de formação continuada, partindo desse estudo que tem como um dos seus objetivos a mudança da prática pedagógica dos professores, onde passem a ouvir os alunos, atendendo assim suas necessidades de vida e aprendizagem. Partindo da escrita de textos narrativos sobre sua própria formação, tendo como objetivo entender e analisar sua escrita, percebendo-se como profissional formador. Essa forma de capacitação, numa abordagem qualitativa permite aos professores alcançar um maior e melhor entendimento sobre as narrativas autobiográficas, e com isso poderá conhecer, compreender e interpretar a subjetividade das pessoas que são, eventualmente, seus alunos. Isso ilustra o que Ferrarotti (1988, p. 29) diz ao respeito da necessidade de superar o caráter clássico das formações:

> [...] a especificidade do método biográfico implica a ultrapassagem do quadro lógico formal e do modelo mecanicista que caracterizam a epistemologia científica dominante. Se queremos utilizar sociologicamente o potencial heurístico da biografia sem trair as suas características essenciais (subjetividade, historicidade), devemos projetar-nos para fora do quadro epistemológico clássico (Ferraroti, 1988, p.29).

As mudanças pelas quais temos passado na nossa sociedade torna-se fator necessário para um novo olhar e uma nova escuta tanto para os profissionais da educação como para os alunos, estes diretamente atendidos, pois a convivência humana precisa ser vista também como saberes a serem valorizados na escola, em especial na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Considerações Finais

A partir da revisão, em quanto pesquisadores, do olhar autobiográfico descritos nas cartas produzidas pelos alunos da EJA, conseguimos compreender que muito daquilo que os alunos vivenciam por meio do ensino escolar não é útil para sua vida, ou o quanto que aprenderam na vida não serve para a escola. Desta maneira, o aluno de EJA sente-se desvalorizado e desrespeitado, sentindo sua imagem desprestigiada, e com isso os índices de abandono desses alunos cresce muito. Apontaram em suas narrativas, que muitos dos

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

professores preocupam-se apenas em cumprir o conteúdo, deixando muitas vezes os alunos sem o entendimento do que foi ensinado.

Acreditávamos que, com a novidade da prática da escrita das cartas autobiográficas, os alunos participariam ativamente das atividades propiciadas pela escola por se identificarem com as mesmas; mas, contrário ao esperado por nós, isso não aconteceu como imaginamos. Tentando compreender o que tinha acontecido pedimos que disseram para nós alguma justificativa de sua atitude; entre suas respostas citaram: não se sentirem parte da escola; não serem consultados sobre as decisões a serem tomadas pelas autoridades, nem ser convidados par participar de reuniões onde poderiam serem colaboradores do planejamento; além de tudo reclamaram das mudanças de planos e horários sem previa consulta.

Um elemento importante em comum destacado pelos professores-pesquisadores que assistiram ao encontro para exposição da informação inclusa nas cartas autobiográficas, foi a percepção que tinham sobre a naturalidade com que os estudantes da EJA contavam suas histórias, narravam fatos passados, comentavam sobre lembranças da infância, rememoravam situações difíceis e conflitos vivenciados na escola quando criança, momento em que surgiu a proposta de valorizar as narrativas dos estudantes, muitas vezes escutadas e não ouvidas e inseridas no contexto escolar como autobiografias dos estudantes.

Dessa reunião foi organizado um plano de ações coletivo que previu encontros regulares entre professores, coordenadores pedagógicos e alunos para estudar e reorganizar a proposta curricular na EJA nessas escolas. Para contribuir com essas atividades foi necessária a realização de um processo de formação dos professores envolvidos, tendo a leitura e a produção de narrativas autobiográficas como elementos fundamentais, assumindo o gênero textual autobiografia como articulador do trabalho de produção textual na escola.

Procuramos refletir e ressignificar junto aos professores da instituição, as especificidades de escolarização dos sujeitos jovens e adultos, suas relações com a cultura escolar, suas condições e participações nos sistemas escolares aos quais estão inseridos e as condições em que esse tipo de formação na EJA tem se organizado para o atendimento desse público, principalmente no que se refere à participação, ao reconhecimento e ao pertencimento de suas culturas e saberes no cotidiano das aulas e na organização do trabalho escolar. Isso foi possível através aproximação e da escuta, sob a forma de narrativa autobiográfica na

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

E-ISSN 2316-3100
MOMENTO Diálogos em Educação
Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação

aprendizagem escolar na EJA, que se revelou como uma estratégia pedagógica propícia para aprendizagem prazerosa e significativa, capaz de reconstruir caminhos marcados por rupturas e desejos adormecidos pelos alunos.

Por fim, a experiência revelou que, através das narrativas escritas no gênero cartas, que esses registros escritos pelos jovens e adultos, são repletos de sonhos acerca do seu futuro, desconstruindo falas expressas em algumas práticas pedagógicas e construindo outros cenários em contraposição aos descredito sempre presentes na modalidade e que incessantemente marcaram o imaginário dos docentes, gestores, discentes, funcionários, enfim, os que fazem a escola. Surgiu o reconhecimento nas vozes dos jovens e adultos, pois as cartas, foram anúncios de positividade voltados para o espaço escolar e de suas relações ali constituídas, tão importantes para a vida cotidiana.

Em quanto aos professores que atuaram como pesquisadores, a realização dessa pesquisa contribuiu para confirmar sua perspectiva de assumir as narrativas autobiográfica, mediante cartas escritas pelos estudantes, como uma estratégia de formação dos estudantes da EJA que valoriza suas vidas, os reconhece como sujeitos com alta potencialidade de aproveitar suas vivências singulares para sua própria formação; mas é preciso reconhecer que o uso dessa modalidade de escrita, requere mudanças profundas no perfil do formador que atua na EJA que deve privilegiar mais a formação do estudante como cidadão que a transmissão do conteúdo frio e sem significado previsto no currículo oficial.

Referências

ALBERTI, Verena. Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. **Estudos históricos -** Viagem e narrativa, Rio de Janeiro, v.4, nº 7, p.66-81, 1991. Disponível em: https://repositorio.fgv.br/items/b0109e7f-7034-4c9c-ae44-92534b331936/full. Acesso em: 18 jan, 2025.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília 1996.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei nº 13.005, Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências.** Brasília. 2014.

BOLOGNANI, Marjorie Samira Ferreira; NACARATO, Adair Mendes. Las narrativas de vida como prácticas de (auto)formación de maestras que enseñan matemáticas. **Revista mexicana de investigación educativa - RMIE**, Ciudad de México, v. 20, n. 64, p. 171-193,

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

marzo 2015. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-66662015000100009&lng=es&nrm=iso . Acesso em: 19 jan. 2025.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: Nóvoa, Antônio; Finger, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP. (1988).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 45.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 30.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

GIROUX, H. O currículo como política cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu de. **Documentos de identidade: uma Introdução às teorias do Currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 51-56.

GOMES e Silva, María Celestina. Construção social da memória autobiográfica e Histórias de Vida. In: Lopes, Amelia; Hernández, Fernando; Sancho, Juana María; Rivas, José Ignacio. (2013). **Histórias de Vida em Educação: a Construção do Conhecimento a partir de Histórias de Vida**. Barcelona: Universitat de Barcelona. Depósito Digital. Disponível em: http://hdl.handle.net/2445/47252 . Acesso em 18 dez. 2024.

GONZÁLEZ, Fredy Enrique. Reflexões sobre alguns conceitos da pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 8, n. 17, p. 155–183, 2020. DOI: https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.322 Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/322. Acesso em: 17 jan. 2025.

JACKSON, Philip W. (1992). **La vida en las aulas**. Madrid: Morata (2.a ed.)

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

MASSIMI, Marina. A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos. **Memorandum**, 20, 11-30. 2011. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05. Acesso em 16 jan. 2025.

OLIVEIRA, Mara Conceição Vieira de. Dificuldade com a interpretação de texto pode atrapalhar o desempenho dos estudantes. Publicado em Ag./2013. **Ecaderno/O portal do conhecimento.** Disponível em: http://www.ecaderno.com/pre-universitario/dificuldade-com-

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.

a-interpretacao-de-texto-pode-atrapalhar-o-desempenho-dos-estudantes . Acesso em: 16 jun./2024.

SANTOS, Maria Meneses dos; SANTOS, Rosangela da Silva. A etapa de análise no método história de vida: Uma experiência de pesquisadores de enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**; Florianópolis, 008 Out-Dez; 17(4): 714-719. 2008. https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400012. Acesso em: 13 dez 2024

SAVIANI N. **Reflexões e Perspectivas do Ensino Supletivo Municipal**. São Paulo, PMSP/SME/DEPLAN/DOT, 1985.

Submetido em: 19/01/2025
Aceito em: 26/06/2025

Citações e referências
conforme normas da:
ABNT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS

Conteúdo sob Licença Creative Commons Attribution.